

**GEMINIS**

[DOSSIÊ ESPECIAL - MANIFESTAÇÕES DE RUA]

**GEMINIS**

**GEMINIS**

**GEMINIS**

**GEMINIS**

**GEMINIS**

**GEMINIS**

**GEMINIS**

**GEMINIS**

# **○ INTELECTUAL PÚBLICO NA INTERNET: O CASO DO VLOGUEIRO FELIPE NETO**

**ADEMIR LUIZ DA SILVA**

*Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e professor na Universidade Estadual de Goiás (UEG). Docente no programa de mestrado interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado. Pós-doutor em Poéticas Visuais e Processos de Criação pela UFG.*

*Email: [ademir.hist@bol.com.br](mailto:ademir.hist@bol.com.br)*

## **RESUMO**

Uma nova geração de intelectuais públicos surgiu com o advento das mídias digitais. Ele atua em sua própria casa, envolvido em debates culturais e políticos centrais para as novas comunidades do ciberespaço. Usamos como estudo de caso o vlogueiro carioca Felipe Neto. Ele tornou-se muito popular e influente a partir de vídeos que postou no site de compartilhamento de vídeos youtube. Suas falas tratam de temas diversos, indo de política tributária, música até filmes pop.

**Palavras-Chave:** internet; intelectuais; Felipe Neto.

---

## **ABSTRACT**

A new generation of public intellectuals has emerged, at home with digital media, engaged in cultural and political debates central to the new communities of cyberspace. We use as a case study the vlogueiro Felipe Neto. He became very popular and influential from videos posted in website YouTube. Their speeches cover several issues, ranging from tax policy, music to pop movies.

**Keywords:** internet; intellectuals; Felipe Neto.

“Se sou um elitista? Sou, sempre fui e sempre serei. O julgamento da maioria está sempre errado. O único jeito de consertar a sociedade é a pau. É preciso manter a cultura, o que resta, acima da *canaille*”. (Paulo Francis)

## INTRODUÇÃO: ATUAÇÃO INTELECTUAL NA INTERNET

**E**m 2008, foi publicada na edição de agosto da revista Playboy, estrelada pela atriz Carol Castro, uma curiosa entrevista com o escritor Paulo Coelho. A chamada de capa é intrigante: “Sou o intelectual brasileiro mais importante”. Sensacionalismo, mas nem tanto. No recheio da revista, o leitor fica conhecendo a fala completa do “Mago”: “Sem dúvida, sou o intelectual brasileiro mais importante. Mas não queria dizer isso porque pode parecer arrogância. Refaz a frase aí de uma maneira que eu não pareça arrogante”. De alguma forma, ainda que tangencialmente, Paulo Coelho, o mesmo homem capaz de afirmar que James Joyce é nocivo para literatura, demonstrou possuir alguma mínima consciência do absurdo de sua declaração.

Era e é inconcebível que ele seja sequer candidato ao título de intelectual brasileiro mais importante. Sua produção, embora composta de uma lista de *Best-sellers*, é, conforme compreendida pela crítica especializada, culturalmente desimportante. O Brasil já gerou pensadores dignos de figurar no primeiro escalão mundial, como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Joaquim Nabuco, Mário Ferreira dos Santos, Euclides da Cunha etc. Também tivemos divulgadores de altíssimo nível, como o exportado Paulo Francis e o adotado Otto Maria Carpeaux. Dentre os vivos, a coroa é disputada por nomes do porte de Antonio Candido, Roberto Machado e Ferreira Gullar. Autores de obras fundamentais, já integradas ao cânone.

Contudo, é preciso ser justo. É possível conceber que Paulo Coelho, apesar de seus alegados poderes mágicos, apenas tenha escolhido mal a palavra. Se tivesse usado “popular”, ou “famoso”, no lugar de “importante” seria difícil contestá-lo. Seria admissível até mesmo a palavra “influyente”. Não resta dúvida que no auge da fama sua literatura mística influenciava muito mais leitores do que a crítica elegante de Candido,

as refinadas análises históricas de Flamarion, a filosofia estética de Roberto Machado, a arquitetura/escultura de Niemeyer ou a multifacetada poesia de Gullar. Quantidade nunca foi sinônimo de qualidade.

Seja como for, o tempo de Paulo Coelho passou. Sua fama, pelo menos no Brasil, se mantém por inércia. Percebo isso no contato diário com estudantes universitários. Pouquíssimos leram Paulo Coelho. A faixa etária média que ele atingia nas décadas de 1980 e 1990 agora lê *Harry Potter*, *Crepúsculo*, *Caçador de Pipas*, *A Batalha do Apocalipse*, *A Cabana* etc. Os tempos são outros, o século virou. O mundo foi dominado pela internet, conforme preconizou Marshall McLuhan. Até mesmo a autoajuda que celebrizou Coelho atualmente é embalada e vendida como psicologia e neurociência, como se percebe nos manuais que ensinam a ser feliz, rico e saudável de autores como Lair Ribeiro e Augusto Cury.

Esse estilo de obras domina a cultura atualmente. Se no século XIX, antes do advento das mídias de massa, Balzac era um *best-seller*, sendo que Thomas Mann representava o mesmo para meados do século XX, nesse início de século XXI não há nada que se assemelhe em termos de artista popular. Contudo, é preciso contemporizar, conforme propõe o intelectual francês Alan Finkielkraut:

Sejamos claros: essa dissolução da cultura no todo cultural não acaba com o pensamento nem com a arte. É preciso não ceder ao lamento nostálgico pela idade do ouro, onde as obras-primas existiam aos montes. Velho como o ressentimento, desde suas origens, esse lugar-comum acompanha a vida espiritual da humanidade. O problema com o qual nos confrontamos é diferente e mais grave: as obras existem, mas, uma vez que as fronteiras entre a cultura e o divertimento não são mais claras, não há lugar para acolhê-las e dar-lhes sentido. (1988, p. 139).

O fato é que nesses novos tempos de internet 2.0 e da geração Y, é complicado perguntar quem seria o intelectual mais importante do Brasil. Até mesmo o conceito clássico de intelectual precisa ser revisado. Quando muito, é possível refletir sobre quem seria o “intelectual” mais famoso, mais popular, quiçá mais influente. O primeiro e mais importante critério de avaliação é o alcance, o tamanho potencial da plateia. Pois, “o intelectual contemporâneo inclina-se diante da vontade de potência do show-biz (...) e a transformação extremamente rápida de ministros da Cultura em gerentes da diversão” (Finkielkraut, 1988, p. 142).

Sendo a internet um ambiente regido por espetáculos rápidos, seu intelectual modelo precisa ser também um *show man* capaz de atrair para si atenção. E um *show man* precisa ser convincente dentro da temática na qual atua, por mais burlesca, grotesca e absurda que pareça a primeira vista. Nesse quesito o vlogueiro carioca Felipe Neto

Rodrigues Vieira, nascido em 21 de janeiro de 1988, parece ser o nome mais popular da internet brasileira e, por extensão, o intelectual mais influente do país entre os jovens usuários da Rede Mundial de Computadores. Atuando com o Felipe Neto, tornou-se uma figura multimídia: expandido sua área de atuação, saiu no nicho da internet, ganhou programas em redes de televisão fechadas, participações em programas da TV aberta e lançou, recentemente, livro. Como compreender essa trajetória, aparentemente surreal para os parâmetros anteriores a popularização da internet? Muitos duvidar da verossimilhança de tal atuação.

Coincidentemente, “Não faz sentido” é justamente o nome do Canal no *YouTube* de Felipe Neto. Dentre seus pares (fenômenos de popularidade na Internet), Felipe Neto possui uma atuação intelectual mais consistente do que, digamos, Rafinha Bastos e PC Siqueira. O comediante Rafinha Bastos, que chegou a ter o *twitter* com o maior número de seguidores do mundo, posta basicamente pílulas humorísticas. Para ler, rir, talvez repassar e esquecer. O colorista PC Siqueira, provavelmente o maior rival de Felipe Neto, tendo seguido trajetória semelhante, não desenvolve ideias e conceitos nos vídeos do “Mas Poxa Vida”, seu canal no YouTube. Basicamente faz comentários e críticas soltas, muitas vezes sem temas-chave que tornem seus vídeos reconhecíveis. Sua persona física inusitada é o foco, não os assuntos abordados em específico. Felipe Neto trabalha numa linha diferente. Em cada vídeo desenvolve uma tese, procura atingir um alvo. PC é uma metralhadora giratória. Felipe Neto é um *sniper*, um franco atirador. Sua atuação enquanto crítico cultural e de comportamento, a despeito de atuar num cenário “virtual”, obedece a uma lógica consagrada.

### CONCEITO DE INTELLECTUAL PÚBLICO

Entendo o conceito de intelectual, para utilização nesse artigo, a partir da perspectiva moderna do uso da palavra, que remonta ao célebre Caso Dreyfus, ocorrido na França no final do século XIX, onde, incitados pelo escritor Émile Zola, um grupo de artistas, professores, jornalistas etc, se manifestaram publicamente pela reabertura do processo contra o oficial judeu Dreyfus, condenado injustamente à prisão perpétua na Ilha do Diabo. Para Zola, que publicou um compêndio das cartas e artigos que escreveu sobre o caso em um volume que intitulou de *Eu acuso*, a função do homem de cultura, do intelectual, é ser uma espécie de vigilante das instituições, um tipo de arauto da justiça. O escritor deixou claro, já em seu primeiro texto sobre o tema, que

minha intenção não é falar do caso. Se as circunstâncias me permitirem estudá-lo e estabelecer uma opinião formal, não esqueço que um inquérito está aberto e que é de esperar que a justiça e a simples honestidade se imponham, desvencilhando-se dos abomináveis mexericos com que se obstrui um caso tão claro e simples (2009, p. 29).

Portanto, Zola acreditava que era obrigação do intelectual tornar impossível de ser ignorado aquilo que já é evidente, mas que é, eventualmente, descartado mediante os interesses imediatos dos donos do poder. Algo muito próximo da máxima do filósofo grego Sócrates que, segundo seus apologistas, afirmava que era “uma mosca que feroa o traseiro grande da vaca apática que Atenas”. O intelectual, nesse sentido, precisa incomodar com a “verdade” nua e crua. Ou a sua “verdade”, que seja.

Na definição de Michel Winock, autor do livro *O Século dos Intelectuais*, essa atuação intelectual “assenta no princípio de uma vontade de agir, para além de qualquer consideração política” (2000, p. 26). O intelectual seria quem expõe publicamente seus conhecimentos e opiniões, defendendo ideias que consideram justas, visando movimentar e informar a opinião pública. Por esses termos, nem todo letrado é um intelectual. A erudição guardada para si não qualifica ninguém como tal. O estatuto intelectual está ligado à atuação pública.

Para quem acredita que um verdadeiro intelectual só atua no sagrado palco proporcionado pelos livros, cito o editor Lindsay Waters, autor de *Inimigos da Esperança – publicar, perecer e o eclipse da erudição*: “Desde Gutenberg temos registros financeiros contínuos sobre publicações no Ocidente, e está provado que os livros são um negócio ruim. As novidades mecânicas e eletrônicas foram, e sempre serão, uma aposta melhor” (2006, P. 11). Se no tempo de Zola, o maior fórum de debate público encontrava-se nos jornais, onde publicou o manifesto *Eu Acuso* em defesa de Dreyfus, na atualidade ele migrou para internet, um meio rápido, simples e barato de fazer a informação circular.

Exatamente pelo fato de ser rápido, simples e barato a internet é acessível a, virtualmente, qualquer pessoa. Representa o extremo da democratização do direito de dar opinião. Felipe Neto, certamente não sendo um erudito refinado, com algumas perspectivas e gostos pessoais ingênuos, também pode ser visto como encarnação desse fenômeno. O jornalista e historiador inglês Paul Johnson, autor de *Os Intelectuais*, opondo-se ao papel desempenhado pelos intelectuais engajados, que propuseram e impuseram modelos de gestão feitos à sua imagem e semelhança, escreveu que: “Uma dezena de pessoas escolhidas ao acaso na rua tem tanta probabilidade de externar pontos de vista sensatos sobre questões morais e políticas quanto um plantel selecionado da *intelligentsia*” (1990, p. 374). Se isso for verdade, podemos considerar Felipe Neto como um desses dez.

Nesse sentido convém lembrar o diagnóstico feito pelo pensador norte-americano Russell Jacoby, em *O Fim da Utopia – política e cultura na Era da Apatia*. Para ele, a crise do socialismo na década de 1990 dinamitou a função de consciência crítica que historicamente era exercida pelos intelectuais. O intelectual era o motor da busca por utopias, enquanto a juventude idealista era o combustível que alimentava o movimento do conjunto. Com o idealismo fora de moda, eclipsado pelas facilidades do mundo moderno, a juventude tornou-se cada vez mais fútil e perdida.

Em tal conjuntura, ser alertados por um membro da própria tribo, aos gritos e xingamentos, falando sua própria língua em sua própria arena, surte mais efeito do que sermões complexos e moralizantes dirigidos por figuras paternalistas e professorais. Ou, se for o caso, por jovens emulando essas figuras paternalistas e professorais. De modo cognoscível para sua plateia, Felipe Neto “rechaçava a ideia, hoje mais disseminada do que nunca, de que a razão subjetiva é o argumento definitivo, de que aquilo que um indivíduo sente, deseja ou quer não admite contestação” (Jacoby, 2001, p. 131). Cumpre o papel de vulgarizador, no sentido de disseminador, de noções complexas. Se não exige engajamento político de seu público, como faziam os intelectuais utopistas, exige consciência pessoal. Nessa escala de valores, um voto ou o ato de jogar ou não papel na rua são pensados a partir dos mesmos critérios de julgamento.

### ATUAÇÃO E INFLUÊNCIA DE FELIPE NETO

Veamos um exemplo da atuação do vlogueiro. Quantos professores, críticos, irmãos mais velhos, nerds da turma etc, tentaram sem sucesso convencer aluna(o)s, leitora(e)s, amiga(o)s, namorada(o)s, esposa(o)s, tias solteironas etc, que os livros e filmes da série *Crepúsculo* são terrivelmente ruins, sexistas, conservadores e antifeministas? No momento em que escrevo esse trecho do artigo, o vídeo de Felipe Neto sobre esse assunto conta com 12.299.505 acessos, e crescendo. O vídeo é demolidor, não deixa pedra sobre pedra da “saga” de Stephenie Meyer. É usado sarcasmo, ironia, humor negro e grosseria explícita para ridicularizar não apenas o livro em si, mas, sobretudo, seu fã. É hilário e, tenho certeza, eficaz. Não tenho dúvidas que converteu muita(o)s apaixonada(o)s pelo vampiro Edward em detratores do sanguessuga emo. Algo que críticos gabaritados como Rubens Ewald Filho, Ana Maria Bahiana, Pablo Vilaça e Isabela Boscov teriam muitas dificuldades para conseguir, devido ao alcance de seus artigos e perfil de seu público médio. Supõe-se que quem possui o saudável hábito de ler crítica de literatura e cinema é um espectador mais sofisticado e maduro, que não cai nas armadilhas da indústria da mídia de massa com tanta facilidade.

Por outro lado, como observou Osman Lins no clássico *Do ideal e da forma: problemas inculturais brasileiros*,

Espanta e faz medo que as pessoas ligadas à cultura e das quais, por isso mesmo, esperamos diante de assuntos culturais, uma atitude cultural, venham engrossando as águas de correntes não culturais com os seus pronunciamentos e atitudes. Como se fossem portadoras de autoridade, e não portadoras de cultura (1977, p. 159).

Ou seja, o discurso crítico baseado na ideia de que seu portador pode falar porque é moralmente superior, seja em função da idade ou da formação acadêmica, é refratário. Sobretudo para o jovem contemporâneo, acostumando a dar suas opiniões na internet, em fóruns de debate onde não existe diferença entre os debatedores, uma vez que todos estão nivelados pela distância física. Felipe Neto não se utiliza de recursos de autoridade moral para alicerçar seu discurso. Pelo contrário. Coloca-se na mesma altura de seu espectador, dando-se a liberdade de ridicularizá-lo uma vez que no espaço de comentários do vídeo pode receber o “troco” na mesma moeda, ou em moedas mais vultosas. Trava seus discursos como quem discute em uma mesa de bar ou numa roda de amigos no recreio da escola.

Um exemplo interessante dessa atuação está no vídeo sobre a enquete promovida pelo SBT para escolher O Maior Brasileiro de Todos os Tempos. O resultado foi, no mínimo, questionável. Dentre os cem mais votados apareceram figuras pop como Luan Santana, Joelma e Tiririca. Considerando que a indicação de Tiririca também seja fruto de votos de protesto, como ocorreu em sua eleição para Câmara Federal, certamente os outros foram homenageados por admiradores reais. Felipe Neto mostrou como isso simplesmente “não faz sentido”, apresentando suas perspectivas sobre a importância de possuir algum senso de proporções. O vídeo, que é bastante recente, já conta com 2.258.715 visualizações. Com certeza, muitos dos votantes assistiram ou vão assistir ao vídeo e é possível que alguns se arrependam dos votos que deram. Uma aula de educação, moral e cívica.

E existem outras, como àquela em que ridiculariza as práticas carnavalescas, com 1.861.601 visualizações. O vídeo desancando o que chamou de “Cultura da Bunda”, com 2.303.598 visitas. Também tem lugar para a autorreflexão, analisando o papel das mídias sociais no mundo contemporâneo, com 2.976.020 espectadores. Outro ainda discute o crescente fenômeno da adolescência tardia, com 2.517.658 visualizações. E a lista segue barra abaixo.

Uma pergunta legítima seria: por que tratar de temas aparentemente vazios e superficiais que pouco ou nada contribuem para o desenvolvimento do espectador dos

vídeos? Talvez porque “para remediar parcialmente a fragilidade humana, o intelectual tem que seguir a trilha que leva ao malfeito” (Fuller, 2006, p. 29). Outra resposta possível seria: porque esses temas representam parte considerável dos interesses pessoais desses mesmos espectadores. Se são vazios ou não, trata-se de juízo que valor que não é o caso de discutir nesse espaço.

Diferentemente do rapper Gabriel, o Pensador, que fez sucesso na década de 1990 criticando “Loiras Burras” e “Playboys”, em músicas que faziam sucesso entre Loiras Burras e Playboys, que seduzidos pelo ritmo não percebiam que eram os personagens retratados nas músicas, os vídeos de Felipe Neto não deixam espaço para dúvidas. Não há concessões. São quase bullying virtuais contra “Pipocas de Micareta”, funkeiros, viciados em Orkut, “filhinhos de papai criados por avó” etc, para ver se tomam vergonha. Com a peculiaridade de que o próprio bullying procura-o. E não foram poucas as ocasiões em que Felipe Neto literalmente expulsou espectadores que não alcançassem seu raciocínio, exigindo que Pipocas, Funkeiros e congêneres saíssem de seu canal. Duvido que tenham obedecido, como prova os inflacionados números de visitas e respostas que recebe. A curiosidade mórbida é um eficiente chamariz de público.

Sua atuação na internet é, essencialmente, de caráter audiovisual. Seus vídeos, editados de forma ágil e com subtexto visual fortemente irônico, dialogam primeiramente com os sentidos, para depois chegar ao racional. É uma característica da mídia pós-moderna.

Pouco importa que a inteligência desenvolvida pela brincadeira com a máquina seja de ordem da manipulação e não do pensamento: entre o know-how cada vez mais eficiente e um consumo cada vez mais variado, a forma de discernimento necessária para pensar o mundo não faz uso nem mesmo, como já foi visto, da palavra para expressá-lo, uma vez que a palavra cultura lhe foi definitivamente confiscada. (Finkielkraut, 1988, p. 149).

O grande diferencial de Felipe Neto enquanto figura pública é conseguir falar para quem, em tese, precisa ouvir: àqueles a o qual o jornalista Paulo Francis chamava de a *canaille*, a arraia miúda, a burguesia inculta etc. Simplificando, seria o grande público. Seus vídeos são memes culturais conforme teorizou o biólogo inglês Richard Dawkins. Multiplicam-se pela internet como vírus. Em alguns casos é até difícil evitá-los, tornando-o um verdadeiro catequizador missão pedagógica. Catequizador, mas não um mártir abnegado. Com ele, bateu, levou. O combate aos barbarismos ocorre porque essas práticas o irritam, não porque deseja salvar almas. Jorge Listopad, autor de *Tristão ou A Traição do Intelectual*, destaca que “o intelectual não é um educador nem, obrigatoriamente, um missionário. Trata-se de uma concepção total, absoluta, do des-

tino livre (...) não pode preocupar-se com mais nada além de si próprio” (1994, p. 67).

Enfrenta terreno inimigo por orgulho e desejo de aventura. Nota-se que não prega para plateias conquistadas, seu público é eminentemente hostil. A ampla difusão conquistada sugere que consegue senão domá-lo, ao menos os leva a colocar gostos e hábitos em perspectivas. Isso é raro entre intelectuais brasileiros, acostumados que são em discursar para grupos específicos, geralmente de opinião prévia convergente.

Dois casos exemplares, aparentemente antagônicos, mas curiosamente similares. Quando a filósofa Marilena Chauí, conhecido por suas posições políticas de esquerda, aparece na mídia virtual ou televisiva seu público é composto basicamente por estudantes engajados e membros da esquerda delirante em geral. Quando o filósofo conservador Olavo de Carvalho aparece nessa mesma mídia seu público é composto basicamente por membros da minoria conservadora letrada brasileira e certas facções da Igreja católica. Parecem viver em universos paralelos. Chauí nega o Mensalão. Olavo de Carvalho coleciona documentos contra o Foro de São Paulo. Chauí defende que a imprensa é golpista, elitista e gerida pelos interesses macroeconômicos da Direita. Olavo de Carvalho denuncia que a imprensa está aparelhada pelo Estado e que seus membros são majoritariamente esquerdistas antipatriotas. Se a ideologia afasta-os, o senso de espetáculo os aproxima. Suas performances brechtinianas e posições dogmáticas amealham plateias consideráveis. Mas são personagens de nicho. Seus respectivos públicos, que se colocam como adversários, já chegam convencidos. Só procuram o outro lado para deliberadamente se chocar e, calhando, brigar um pouco para desopilar o fígado, protegidos pelo ambiente asséptico e potencialmente anônimo da internet, onde um xingamento, um “curtir” ou um “compartilhar” vale o mesmo que longas réplicas e treplicas.

#### CONCLUSÕES: OS LIMITES DA ATUAÇÃO INTELLECTUAL NA INTERNET E ALÉM

Os mais cínicos dirão: um vlogueiro é só alguém que, por não saber escrever, fala diante de uma câmera e se exhibe na internet. Nunca poderia ser qualificado como intelectual. Certamente essa é a regra. Estando claro que não pretendo fazer apologia nem da atividade vlogueira nem ao vlogueiro em particular que adotei como tema desse artigo, parece-me que seus vídeos seguem nitidamente um roteiro, não são feitos no improvisado. Representam o resultado final da junção de texto, atuação, direção de arte e edição. Se são esteticamente bons ou ruins, ou ainda superficiais ou profundos, é outra discussão. Mas comunicam, cumprindo seu objetivo fundamental. Usando inclusive a língua do público alvo, o que pode envolver muitas gírias e mesmo palavras de baixo calão.

É possível pensar em comunicações intelectuais recheadas de grosserias? O baixo calão pode servir ao ministério das altas reflexões? Olavo de Carvalho usa dessa estratégia constantemente, tanto em textos escritos quanto em aparições em mídias audiovisuais, incluindo divulgados na vlogs na internet. Marilena Chauí também não se furta em praticá-la. De resto, até Shakespeare utilizou recursos como flatulência e baixaria para desenvolver suas peças. Portanto, a resposta é sim. Lembrando que o terreno é pantanoso. A diferença entre os palavrões usados pela banda de rock Titãs e pelo funkeiro Mr. Catra são mais sutis do que parece.

Em função da fama adquirida na internet, Felipe Neto foi convidado para atuar dentro de grandes corporações de mídia de massa. Primeiro no canal fechado Multishow e depois na Rede Globo, produzindo quadros de humor, em parceria com Fábio Nunes, para o programa dominical Esporte Espetacular. Não foi muito bem sucedido. A dinâmica industrial da produção televisiva é massacrante. Basta ver os nomes dos talentosos comediantes que atuam nos lamentáveis programas *Praça é Nossa* e *Zorra Total*. Mas, pensando em termos de construção de figura pública, essas atividades são irrelevantes. São basicamente empregos onde o elemento criativo, embora faça parte do produto oferecido ao público desses programas, é controlada por elementos corporativos que estão além da alçada da figura que aparece na tela.

A persona reconhecível de Felipe Neto está circunscrita ao YouTube. Fora dali, por enquanto, não existe. O livro *Não faz sentido – atrás das câmaras*, que lançou recentemente pela editora Casa da Palavra, não alcança o público com o mesmo impacto dos vídeos na internet. Suas atividades enquanto escritor e ator representam sombras de persona de vloguer. Esse Felipe Neto banalizado na TV aberta, utilizando a célebre imagem concebida por Walter Benjamin, “perdeu a aura” (1994, p. 170). Os limites impostos pela dinâmica da TV aberta cerceiam sua possibilidade de extravasar opiniões, justamente a característica que lhe deu ressonância na internet. Ao mesmo tempo, no campo da escrita, por mais divertido que possa ser o livro, Felipe Neto não se destaca, nem pelo estilo nem pelo conteúdo. Fruto da internet, mestre da comunicação com a Geração Y, o tradicional objeto livro, enquanto representação do “antigo” modelo de intelectual, se torna uma quebra em sua proposta estética e cultural, essencialmente ligada ao audiovisual de escopo independente.

Chegando ao final dessa reflexão, reconheço o inusitado de apontar Felipe Neto como o intelectual mais influente do Brasil. Mas se pararmos para pensar e, analisando o atual contexto cultural, veremos que os outros candidatos ao título são figuras como o jornalista Pedro Bial e ex-cineasta Arnaldo Jabor. Nesse cenário, apostar no jovem vlogueiro não parece tão absurdo assim. Faz algum sentido.

**REFERÊNCIAS**

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política.** Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- FINKIELKRAUT, Alan. **A derrota do pensamento.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- FULLER, Steve. **O intelectual.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.
- JACOBY, Russell. **O fim da utopia.** Rio de Janeiro: Record, 2001.
- JOHNSON, Paul. Os intelectuais. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- LINS, Osman. Do ideal e da glória. **Problemas inculturais brasileiros.** São Paulo: Summus, 1977.
- LISTOPAD, Jorge. **Tristão ou a traição de um intelectual.** Lisboa: Quetzal editores, 1994.
- WATERS, Lindsay. **Inimigos da esperança.** São Paulo: Editora da Unesp, 2006.
- WINOCK, Michel. **O século dos intelectuais.** Lisboa: Terramar, 2000.
- ZOLA, Émile. **Eu acuso.** Porto Alegre: L&M, 2009.